



BRANDESCO

FOLHA DE S. PAULO ★ ★ ★

QUINTA-FEIRA, 18 DE AGOSTO DE 2016

RIO 2016



B3

A FINAL DA OLIMPÍADA ENTRE BRASIL E ALEMANHA PODE SER VISTA COMO UMA REVANCHE?

TOSTÃO
não

PVC
não

Não tem nada a ver. Este é um torneio olímpico. A diferença técnica entre as seleções brasileiras olímpica e principal é muito pequena, ao contrário da Alemanha e de outros países que disputam as Olimpíadas. Se houvesse um jogo entre as seleções olímpica e principal do Brasil, venceria a que tivesse Neymar. Já a seleção alemã não tem sequer um titular da seleção principal nem nenhum destaque do futebol. São jovens desconhecidos.

Por outro lado, as Olimpíadas mostram que o Brasil continua produzindo jogadores de talento. A dúvida é se algum deles jovens vai se tornar destaque da seleção principal e/ou de um grande time do mundo

Não, não vai apagar os 7 x 1. Nada irá apagar. Mas pode ajudar a devolver o futebol à sua rotina e a história mostra que Brasil x Alemanha sempre teve equilíbrio. Tirando uma vitória brasileira por 4 x 0 em 1999, outra por 4 x 1 em 1981 e o maldito 8 de julho, sempre foi duro para os dois lados.

Fazer jogo difícil devolverá a noção de que o mundo não acabou e o futebol voltará à sua rotina depois de um dia anormal. Brasil e Alemanha vão voltar a jogar muitas vezes com vitórias para um ou outro lado, empate vez ou outra. Com tudo isso e a certeza de que não há vingança possível, ganhar o ouro no sábado contra a Alemanha pode ajudar a levantar um pouco a auto estima



Atletas do pequeno arquipélago de Vanuatu acompanham a seleção brasileira de futebol no estádio do Maracanã

NA TORCIDA

Equipe de país nanico realiza sonho de assistir a Neymar

Atletas do arquipélago de Vanuatu vibram com goleada da seleção brasileira

PATRICIA CAMPOS MELLO
ENVIADA ESPECIAL AO RIO

Não deu para ganhar medalha. Mas os atletas do arquipélago de Vanuatu que vieram ao Rio ainda tinham um sonho: ver o Brasil jogar no Maracanã.

Vanuatu é um país que tem quatro vulcões em atividade — e nenhum McDonald's.

Para os atletas dessa nação composta de 82 ilhas, ao lado de Papua Nova Guiné, parecia complicado ir da Vila Olímpica, na Barra, ao Maracanã. Complicado foi mesmo. Entre BRT e várias baldeações de metrô, o judoca Joe Mahit, o mesatenista Yoshua Shing, o técnico Ham Lulu e o fisioterapeuta Albert Iata levaram duas horas até o estádio. Com o mesmo tempo, dariam a volta inteira na principal ilha de seu país, com 120 quilômetros de perímetro.

Eles também estavam com medo de serem assaltados no Rio. "Aqui todo mundo anda armado", diziam. "Em Vanuatu, só vemos policiais armados no desfile do dia da independência."

Valeu superar o medo. Futebol é o esporte mais popular de Vanuatu, país de 270 mil habitantes (quase o mesmo que Juazeiro do Norte, no Ceará). O país perdeu nos penáltis para Fiji e não se

classificou para os Jogos. Na falta do time de casa, abraçaram o Brasil com gosto.

"Na Copa, quase todo mundo em Vanuatu pôs bandeira do Brasil em casa. Ficamos tristes com a derrota de 7 a 1 para a Alemanha", diz Ham Lulu. "É muito importante vermos Neymar em campo."

O judoca Joe Mahit foi eliminado por um rival de Aruba já em sua primeira luta na Olimpíada. Mas fez selfies e vídeos fazendo flexões na frente do Cristo, em Copacabana, na Vila Olímpica e no Maracanã. "Só chegar até aqui foi sensacional", disse ele, que nasceu em ilha com menos de 2.000 pessoas e precisava viajar até a Austrália para treinar, por falta de parceiros.

Adorou andar no teleférico pela primeira vez. "O prédio mais alto do nosso país tem sete andares, não somos acostumados com altura." O fisioterapeuta Iata é da ilha de Tanna (40 km de comprimento), famosa por ser lar do culto de John Frum. Todos os anos, no dia 4 de julho, dia da independência americana, os seguidores de Frum marcham, hasteiam a bandeira dos EUA e oram para que Frum volte e traga mais mercadorias. O culto se originou na Segunda Guerra (acredita-se que seja John 'Frum'

America), quando americanos traziam mantimentos. Até hoje alguns nativos fazem pistas de voo para que Frum volte.

Shing não passou da primeira partida no tênis de mesa. Mas teve a honra de carregar a bandeira de Vanuatu na abertura e fez sucesso cantando reggae e fez sucesso cantando reggae na Vila Olímpica — ele toca violão. Os quatro circulavam com uma caixa de som pelo ambiente.

O técnico Ham Lulu na verdade era jogador de tênis de mesa, mas não se classificou. Em Vanuatu, ele tinha um bar de kava, a raiz de propriedades relaxantes que é a bebida mais popular do país.

Para todos, chegar à Olimpíada foi uma epopéia. Vieram com recursos do Comitê de Solidariedade Olímpica, mais ajuda dos pais e amigos, da associação de carpinteiros e da Budget Rent a Car.

Só de voo, foram três horas de Port Vila (Vanuatu) a Sidney, na Austrália, mais 14 horas até Santiago no Chile e mais quatro para o Rio.

"Não ganhamos medalhas, mas fizemos boa participação e agora estamos vendo Neymar", dizia Mahit, circulando com suas havaianas recém-compradas (R\$ 45, meio salgado, segundo eles).

Em Vanuatu, só 25% da população vive na zona urbana.

O país não tem metrô e tem PIB per capita de US\$ 3200. (No Brasil, é US\$ 11.200)

Em seu país, Mahit e Shing são celebridades — dois de só quatro atletas que conseguiram chegar aos Jogos.

No Brasil, despertaram curiosidade. "Olhei a camiseta e vim dar um Google porque não tinha ideia de onde era Vanuatu, achei que era na África", disse o torcedor Wallace Gomes, 29.

Albert e Joe gostam muito de jogadores antigos do Brasil, como Roberto Carlos, Ronaldo e Rivaldo. Mas estavam entusiasmados com Gabriel Jesus.

Depois do segundo gol do Brasil, os quatro já estavam fazendo "ola" e gritando Brasil.

Perguntaram o que queria dizer o grito de guerra "Mil gols, mil gols, só o Pelé, Maradona cheirador", que a torcida repetiu algumas vezes. Após a devida tradução, Ham perguntou: "Maradona usa drogas?"

Ao final do jogo, estava de alma lavada. Aprenderam o que queria dizer "pé quente" em português.

"Neymar 1 tas tumas" (Neymar é muito bom, em bislama, a língua local), disse Ham. "O jogo foi ótimo, mas parecia até amigável, de tanto gol..."

Apenas um jogador esteve no 7 a 1 na Copa, mas ficou na reserva

DO RIO

Apenas um jogador que presenciou o Mineirão (a derrota do Brasil para a Alemanha por 7 a 1 na semifinal da Copa do Mundo) vai entrar em campo na final olímpica no próximo sábado (20), na final do torneio olímpico entre brasileiros e alemães.

Mesmo assim, ele assistiu do banco de reservas a goleada da Alemanha. Titular no Itaquera nesta quarta-feira na vitória sobre a Nigéria, o zagueiro Matthias Ginter, 22, do Borussia Dortmund, é o único na delegação olímpica que participou da campanha do tetracampeonato alemão em Copas do Mundo.

Apesar de ter feito parte do grupo vencedor, ele não tem tido grandes oportunidades na seleção principal da Alemanha, que é treinada por Joachim Löw. Ginter ficou de

fora da disputa do principal torneio de seleções disputado após o Mundial no Brasil, a Eurocopa 2016, que foi vencida pela seleção de Portugal.

No lado brasileiro, Neymar disputou o Mundial no Brasil, mas não viajou para Belo Horizonte para o fatídico confronto com a Alemanha. Na partida anterior, ele fraturou uma vértebra na vitória contra a Colômbia na disputa de um lance com Zúñiga.

"Não tem essa de vingança. Temos que encarar com maturidade. Estamos aqui para conquistar o ouro e temos essa oportunidade. Se trata de outra ocasião, outra situação, campeonatos diferentes", afirmou o atacante Gabriel Jesus, autor de dois gols no Maracanã.

"Não tem como mudar o passado, mas tem como fazer o futuro", afirmou o atacante Gabriel, do Santos.